

Educação, santidade e sexualidade na Idade Média: uma leitura da Legenda Áurea de Jacopo de Varazze

Dominique Vieira Coelho dos Santos*
Camila Michele Wackerhage*

Resumo: A relação entre educação, santidade e sexualidade em um lugar e período específico da Idade Média (Itália do Séc. XIII) é o eixo norteador deste trabalho. A partir da análise da Legenda Áurea de Jacopo de Varazze, traçamos um paralelo entre estes temas tendo como referência a noção de castidade e algumas questões relacionadas à educação, que aparecem aqui e ali neste material usado para preparação de sermões. Escolhemos para esta finalidade a vida de seis santas, três virgens (Santa Lúcia, Santa Ágata, Santa Inês) e três que mantiveram relações sexuais (Santa Juliana, Santa Maria Egípcíaca, Santa Taís). Acreditamos que uma investigação detalhada da vida destas mulheres pode nos auxiliar a compreender melhor o contexto político, religioso e social do período.

Palavras chave: Idade Média; Mulher; Religiosidade; Sexualidade; Educação; Legenda Áurea.

Abstract: The link between education, sanctity and sexuality in a specific place and time of the Middle Ages (thirteenth-century Italy) is the guiding principle of this work. From the analysis of the Jacobus de Varagine's Golden Legend, we draw a parallel between these themes with reference to the notion of chastity and some issues related to education, which appear here and there in this material used for preparing sermons. We chose for this purpose the holy life of six female saints, three virgins (St. Lucia, St. Agatha, St. Agnes) and three who had sexual intercourse (St. Juliana, St. Mary of Egypt; St. Maria, St. Thais). We believe that a systematic investigation of the lives of these women may help us to better understand the political, religious and social context of the time.

Keywords: Middle Ages; Woman; Religiosity; Sexuality; Education; Golden Legend.

Introdução

A historiografia das Mulheres é recente, ela passou a ser campo de pesquisa no início dos anos 60, com a influência da nova história social, antropologia e a sociologia, que permitiu novos olhares e enfoques sobre as mulheres, compreendidas, a partir de então, como figuras de um grupo social. Dentro desse novo campo, novos debates foram possíveis, dentre eles, o proposto pelo movimento feminista, que passou a se interessar pela discussão historiográfica para propor algo que fizesse contraposição a uma 'história universal masculinizada'. As reflexões teóricas das historiadoras

* Professor titular de História Antiga e Medieval na Universidade de Blumenau- FURB, Coordenador do Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais (www.furb.br/labeam).

* Acadêmica do Curso de História da Universidade de Blumenau- FURB.

feministas sobre a história das mulheres estruturaram uma nova categoria analítica, o gênero e suas relações. Uma das principais colaboradoras para este debate teórico foi a historiadora estadunidense Joan Scott, com a publicação de seu artigo *Gênero – uma categoria útil de análise histórica* (1988). A partir desta publicação, lançou-se uma reflexão discursiva sobre a construção social do imaginário feminino, entre a diferença dos sexos e as relações políticas de poder dos gêneros. Isto possibilitou que as mulheres começassem a fazer parte do discurso historiográfico. No que diz respeito ao Medievo, isso se deu por volta de 1970. Um dos principais desafios para essa nova história é a parte documental, pois a maioria das obras do período, principalmente as eclesiásticas, foram escritas por homens (Santo Agostinho de Hipona, Ambrósio de Milão, Tomás de Áquino etc.), que relataram, a partir de suas perspectivas, uma visão das mulheres (SANTOS, 1996).

Este artigo se depara com uma problemática que envolve a correspondência ou não entre o mundo das práticas e o das representações no que diz respeito à mulher considerada santa na Idade Média. Será que a forma destas mulheres agirem e se comportarem, principalmente no que diz respeito aos cuidados com o corpo, privando-o de exercer sua sexualidade, correspondia de fato aos modelos pedagógicos como aqueles que encontramos na Legenda Áurea?

Em grande parte dos discursos sobre essas mulheres religiosas, elas aparecem como silenciosas, puras, virgens, enclausuradas, e em penitência. Dificilmente alguém pensa que uma mulher considerada santa teve várias relações sexuais durante sua vida, que sentiram prazer, tiveram filhos e netos, muito menos que promessas sexuais fossem usadas como fator de tentativa de conversão, como é o caso de Santa Juliana, que veremos mais adiante. Na historiografia, é preciso recorrer a trabalhos mais recentes, como o da historiadora Mary Dockray-Miller, para que isto seja visto de uma outra maneira. A autora nos mostra, por exemplo, que pelo menos no contexto da Inglaterra Medieval, existia um grande número de religiosas que eram viúvas, e que já tinham filhos crescidos, abadessas que eram da família real e atuavam entre a Igreja e o Estado. Dockray-Miller nos apresenta o exemplo da abadessa Hild, que hospedou o Sínodo de Whitby em 644, para uma reunião em que os dirigentes da Igreja inglesa decidiram seguir as práticas da Igreja romana, em vez das práticas da Igreja que a autora chama de ‘céltica’. Outro exemplo mencionado por ela é a administração abacial que sucede Hild, que é composta por Eanfl AED e sua filha Ælffl AED. Essas mulheres eram da realeza (Eanfl AED era filha de Edwin, o rei de Northumbria, e Æthelburh, princesa de Kent; casou-se com Oswiu, rei da Northumbria, com quem teve Ælffl AED) e tinham,

portanto, um papel bastante ativo nas interrelações políticas desta sociedade específica. Também fica evidente que Eanfl AED, mãe de Ælfl AED, não era virgem (MILLER, 2008, p. 4).

É necessário um diálogo profundo, não perdendo de vista a contribuição do gênero para a história, quando as mulheres deixaram de ser marginais e passaram a fazer parte do debate historiográfico. Também é importante lembrar que, apesar deste eventual ganho, a história de gênero nem sempre conseguiu contemplar certos aspectos da história das mulheres. Por isso, é necessário pensar sobre as representações que foram criadas sobre as mesmas ao longo do tempo. Perante esses reptos, o trabalho tem como objetivo explorar a vida de seis santas, sendo elas três virgens, Santa Lúcia, Santa Ágata e Santa Inês, e três santas que mantiveram relações sexuais, Santa Maria Egípcíaca, Santa Taís e Santa Julia. Através da narrativa de Jacopo de Varazze e as formas pelo qual ele representa estas mulheres, podemos identificar alguns simbolismos da época: pureza e castidade, por exemplo, eram contrapostos às representações de pecado original, carne, etc. A partir desta relação entre sexualidade e santidade, o autor da *Legenda Áurea* elabora um modelo que deveria servir como guia para que os sacerdotes da época elaborassem seus sermões, educando as mulheres, disciplinando-as, sugerindo como seus corpos deveriam se comportar, o que sugere que o mundo das práticas e o das representações nem sempre caminhavam juntos, era preciso repreender, então, o comportamento desviante e enfatizar a regra.

O historiador francês George Duby diz que o ideal de castidade era muito importante na Idade Média. Havia uma série de mulheres, mães de família, rainhas, camponesas, noviças, criadas etc. O autor as divide em três categorias: virgens, viúvas e mulheres casadas. A partir da leitura de Alão de Lille, Tiago de Vitry, Vicente de Beuvais, Guilherme Peraldo, Gilberto de Tournai e João de Gales, Duby diz que as mulheres usavam de modo diverso sua sexualidade e que mesmo as casadas e viúvas podiam atingir o ideal de castidade tão desejado, considerado uma vitória sobre a concupiscência e o pecado da carne. Segundo ele, no entanto, é preciso lembrar que nenhuma castidade é igual a da virgem, pois esta, além de ter uma alma pura (virtude da alma), não teve o corpo tocado ou contaminado (virtude do corpo). Ou seja, se por um lado, há uma hierarquia das formas possíveis de castidade, na qual a mulher virgem ocupa o topo da classificação; por outro, mulheres que já praticaram sua sexualidade não estão impedidas de serem consideradas virtuosas e definidas como castas, devido à natureza espiritual e intencional da castidade (DUBY, 1991, p. 110-111).

As reflexões propostas por Georges Duby nos fazem pensar em várias questões: a mulher que deixou de ser uma virgem era mesmo considerada casta e virtuosa? Como se inseriam essas mulheres no cotidiano eclesiástico? Como mulheres que mantiveram relações sexuais conseguiram seguir dentro de uma vida religiosa e até mesmo serem consideradas santas? A Idade Média era sobretudo um período religioso? As mulheres eram todas iletradas e analfabetas na Idade Média, restando-lhes apenas a vida religiosa como uma alternativa de serem bem vistas na sociedade? Como a religião poderia sugerir normas de comportamento sexual entre mulheres e homens neste lugar e período específico? As mulheres tinham voz quando o assunto era o sexo, ou só os homens se manifestavam sobre o tema? E, por fim, a questão que nos interessa mais diretamente: como estas questões estavam presentes nos modelos de educação que podemos perceber na Legenda Áurea? Analisando, comparando e refletindo sobre as representações da vida dessas religiosas, acredita-se poder contribuir para um novo olhar sobre estas santas, para além de estereótipos como virgindade, santidade e pureza. Todavia, antes de partirmos para uma análise documental, é preciso uma palavra rápida sobre a educação das mulheres na Idade Média e sobre esta relação frequente que se faz do período com a religiosidade.

1. Religiosidade e educação feminina na Idade Média

A associação do Medieval com o termo ‘Idade das Trevas’, tão comum no cinema, no imaginário popular, e até mesmo em alguns livros de história, possibilitou a tese de que todas as pessoas que viveram neste período específico da história acreditavam em Deus, que trata-se de uma época de superstições, e que a Igreja Católica controlava corações e mentes. Tal imagem não se sustenta na documentação e a historiografia contemporânea já percebeu isso, pelo menos desde a obra que Regine Pernoud escreveu em 1977, *Pour en finir avec le Moyen Age*. O historiador Peter Dendle, por exemplo, acredita que esta imagem que se aplica à Idade Média poderia ser aplicada para vários outros períodos da história. Ele aponta que não é somente na Idade Média que houve uma forte influência da religião, podemos perceber isso, por exemplo, na comunidade do *Qumran*, que deixou os pergaminhos do Mar Morto, e até mesmo nos dias atuais. A religião sempre esteve presente na história e aplicar essas denominações somente para a Idade Média seria um grande equívoco. Dendle explica que a impressão de uma sociedade predominantemente religiosa é devido sobretudo ao fato de que a infraestrutura da Igreja estava envolvida na administração de boa parte das funções sociais e culturais do

período (os meios jurídicos, a medicina, festivais, registros financeiros etc) deixando nos documentos escritos uma forte marca religiosa, mas isso, de forma alguma, significa que estes eventos eram atividades espirituais, que seus participantes acreditavam nisso, ou muito menos que a Igreja controlava a vida das pessoas. O autor lembra, por exemplo, da frase escrita nas notas do Dólar, o dinheiro estadunidense, (*God We Trust*), que não significa que os habitantes daquele país acreditem em Deus (DENDLE, 2008, p. 49-50). Poderíamos dizer o mesmo sobre o Brasil, onde houve uma polêmica recente por causa da frase ‘Deus seja louvado’ escrita nas notas de Real, o dinheiro brasileiro, uma contradição, tendo em vista a laicidade do Estado, o que provocou protestos de diversas associações de ateus.

Esta mesma perspectiva questionadora nos é dada ao pensarmos sobre a educação na Idade Média, temática ainda mais problemática quando voltamos nossas atenções para a mulher. Supõe-se comumente que, neste período, as pessoas que não estavam ligadas diretamente à Igreja eram em sua grande maioria analfabetos, e que as mulheres, claro, fossem elas religiosas ou não, possivelmente não ficariam de fora desta classificação. Helen Conrad O’Briain afirma que em um período em que a autoria era uma prova de que a pessoa tinha instrução, educação, letramento, há uma parcela acadêmica afirmando que as mulheres não possuíam instrução, pois são quase nulos escritos de autoria feminina, o que precisa ser melhor investigado. Segundo a autora, até o século XVII, não há materiais suficientes para análise quantitativa da alfabetização, seja ela masculina ou feminina. O’Briain afirma que até mesmo nos dias atuais é quase impossível levantar dados de pessoas que são ou não alfabetizadas ou que possuem algum letramento e, mesmo dentre aquelas que o tem, qual o nível de aprofundamento do mesmo. Para a autora, é um exagero dizer que as mulheres foram analfabetas na Idade Média. As mulheres envolvidas com alguma atividade comercial, por exemplo, eram frequentemente expostas à situações que exigiam o letramento e, frequentemente, elas eram alfabetizadas. Com a grande demanda do comércio, a alfabetização tornou-se necessária, principalmente a habilidade com os números, fazendo surgir, assim, várias mulheres mercantis, que sabiam lidar tanto com as letras quanto com os números, no mesmo nível ou até mesmo superior ao dos homens (O’BRIAIN, 2008, p. 236).

A autora nos apresenta casos de algumas mulheres letradas. No século IX, por exemplo, Eberhard de Friuli deixou livros (incluindo o direito para escrever textos) para suas quatro filhas. No século XIII, Beatrijs de Nazaré, filha de um comerciante, aprendeu latim e caligrafia antes de entrar no convento. O’ Briain mostra evidências de filhas, esposas,

e viúvas trabalhando ao lado de seus homens ou exercendo seus negócios. A mãe de Alfred, por exemplo, incentivou a cultura literária ao oferecer um livro de poesia para que ele aprendesse. Por fim, a autora faz comparações entre o sistema de ensino das escolas monásticas e aqueles das catedrais e universidades. Para ela, o primeiro exemplo favorecia à educação das mulheres. Todavia, esta mudança não impediu que mulheres escritoras continuassem a aparecer até o início do período que a historiografia chama de “renascimento” (O’BRIAIN, 2008, p. 237).

Assim, de todas as partes da Europa surgem exemplos de mulheres que eram letradas, escreviam, compunham e participavam ativamente da sociedade, se envolviam nos negócios, na família, faziam intervenções em vários campos do saber, como foi o caso de Trótula de Salerno, que escreveu significativos trabalhos sobre medicina feminina na Idade Média, dentre os quais cabe destacar o *Passionibus mulierum curandorum*, por exemplo. O conjunto das leis medievais irlandesas também prevê diversos momentos em que a mulher se encontra inserida nos temas mais relevantes, participando ativamente da vida social junto com seus pais, irmãos e maridos. Algumas destas mulheres eram abadessas, lideravam homens no mosteiro, inclusive em situações bélicas. Seria difícil imaginar também os exemplos de mulheres da Inglaterra Medieval citados por Mary Dockray-Miller, que mencionamos mais acima, como submissas, não participativas da vida pública, afastadas, assim, dos papéis principais da sociedade do período. De igual modo, se por um lado, podemos perceber que havia certos comportamentos sexuais desejáveis, apresentados em um corpus sistemático de educação religiosa, por outro, nem sempre o que era ensinado era praticado, a sociedade é muito mais complexa do que costuma aparecer nas esquematizações rígidas, como aquelas que pretendem dividir ou classificar toda a sociedade medieval em grandes formas, como: *oratores, belatores, laboratores*. Assim, é preciso reavaliar a documentação, tentando compreender como estas mulheres são representadas. É o que fazemos a seguir, contextualizando e analisando a Legenda Áurea.

2. Jacopo de Varazze e a Legenda ‘Áurea’

Legenda Áurea é uma obra de cunho didático para sermões e foi escrita por Jacopo de Varazze por volta de 1253 e 1270. O autor da Legenda Áurea nasceu no ano de 1226 na cidade de Varazze, e com a idade de dezoito anos ingressou na Ordem Dominicana. Aos seus vinte anos tornou-se líder da Ordem na importante província da Lombardia. Hilário Franco Júnior, tradutor da obra para o português, nos conta uma

série de detalhes sobre o contexto histórico de Jacopo de Varazze, bem como detalhes particulares da vida do autor da *Legenda Áurea*. Segundo Franco Júnior, um fato significativo marcou a vida de Jacopo, a Igreja Católica tinha proibido a cidade de Gênova de manter contatos comerciais com a Sicília, mas, apesar da proibição, tais práticas continuaram, o que resultou na excomunhão da cidade. Jacopo foi escolhido pela população para ir até Roma pedir perdão em nome de todos. A partir desta narrativa, é possível inferir que parece tratar-se de um personagem bastante influente na história da cidade de Gênova, afinal ele foi escolhido como representante das pessoas daquele lugar. Franco Júnior afirma que Jacopo escreveu várias coisas, mas sua maior obra foi a coletânea hagiográfica que ficou conhecida como *Legenda* (aquilo que deve ser lido) *Áurea* (áurea/de ouro), que o medievalista brasileiro se encarregou de traduzir para o nosso idioma. Em 1295, o autor da *Legenda Áurea* foi nomeado arcebispo de Gênova por Nicolau IV. Jacopo faleceu em 1298 e, mais tarde, em 1645 foi escolhido como patrono da cidade de Varazze, daí o epíteto onomástico que acompanha seu nome. Em 1816, Jacopo foi beatificado pelo papa Pio VII (FRANCO JÚNIOR, 2003).

Lê-se ainda na tradução da *Legenda Áurea* que Hilário Franco Júnior fez que o plano de fundo da vida de Jacopo é marcado pelo progresso comercial e a crescente urbanização. Também é importante a publicação de obras literárias, o surgimento das universidades e o começo do desenvolvimento da filosofia escolástica. Mais ou menos no mesmo período, houve um aumento significativo de reinterpretações das formas de viver o Cristianismo. Data desta época, por exemplo, o aparecimento das ordens mendicantes, fundadas por monges que não possuíam bens materiais ou se desfizeram deles. Hilário Franco Júnior explica que a Itália era o centro destas mudanças, justificando o aparecimento da obra, na qual podemos ler sobre a luta contra diversas heresias. Os dominicanos tinham intenção de erradicar o catarismo do Sul da França e norte da Itália, por exemplo. A população precisava ouvir pregações ou seguir um modelo. A *Legenda Áurea* servia, assim, de educação moral à população, nela há lições de vida, a partir da trajetória dos personagens, e isso contribuiu para sua propagação nos meios sociais da época (FRANCO JÚNIOR, 2003).

A *Legenda Áurea* conta no total com o relato de vinte e duas santas, sendo das quais apenas cinco tiveram uma vida sexual (casadas, com filhos ou meretrizes). Alguns fatos merecem destaque, o perfil do relato da vida das santas sempre envolve um contexto geográfico próximo a Sicília; a grande parte delas pertenciam à nobreza; tanto a beleza quanto a pureza também são apresentadas na narração de Jacopo de Varazze como elementos importantes; e todas elas morrem em formas de penitência

perante a Deus, mártires ao Senhor, que, na obra de Varazze, é caminho certo para a salvação, obtida perante o Catolicismo.

É possível perceber no documento que todas estas seis santas estão mais ou menos próximas no tempo e no espaço. Todas elas morrem em um período próximo. O perfil das santas que eram virgens é bastante parecido; da mesma forma, aquelas que mantiveram relações sexuais também compartilham de várias semelhanças. Passemos então à análise documental.

3. *Análise Documental – Educação, Santidade e Vida Sexual na Legenda Áurea*

A Legenda Áurea foi escrita para servir como material pedagógico, o caráter social que esse livro exerceu na época tinha também um cunho moral, educativo e religioso. A partir da leitura do documento, é possível observar que Jacopo prioriza as vidas de santas virgens como um meio de fornecer exemplos para a educação do comportamento feminino. Em todo o conjunto da obra, o destaque maior é para este padrão. O elemento mais importante para a construção destas narrativas das vidas das santas era o ideal de castidade, por isso, as virgens colaboravam mais do que as que mantiveram relações sexuais, embora estas não fiquem ausentes e também são integradas ao tecido social. Ou seja, apesar de ser fator primordial na constituição de uma vida religiosa, havia diferentes níveis de castidade, como já vimos a partir das reflexões elaboradas por Georges Duby. Assim, havia simbolismos diferentes para cada uma das mulheres. Esse tratamento de diferenciação fica claro na narrativa de Jacopo. Vejamos, por exemplo a vida de Santa Taís.

Taís, meretriz, pelo que se lê nas *Vidas dos Padres*, era de tão grande beleza que muitos homens por ela venderam tudo que tinham e viram-se reduzidos à maior pobreza. Seus amantes, ciumentos uns dos outros, frequentemente se entregavam diante de sua porta a discussões que acabavam com derramamento de sangue [...]. Ela ficou reclusa dessa maneira três anos, até que, convido, o abade Pafúncio foi encontrar o abade Antônio para saber se Deus perdoara os pecados dela [...]. Eles oraram incessantemente, e o abade Paulo, principal discípulo de Antônio, viu de repente no Céu um leito recoberto de tecidos preciosos vigiado por três virgens cujos rostos resplandeciam. Essas três virgens eram o temo da pena futura que retirara Taís do vício, a vergonha das falhas cometidas que lhe valera o perdão, o amor pela justiça que conduziu às

coisas do Céu [...]. Chegando ao mosteiro, rompeu o lacre da porta da cela, mas Taís rogou que a deixasse ainda reclusa. Ele disse: “Saia, pois Deus perdoou seus pecados” (*Legenda Áurea*, 854-856).

Taís é descrita como uma bela meretriz rodeada de luxúria. A beleza física da santa é enfatizada por Jacopo, tanto que ‘os homens vendiam seus bens’ para poder pagá-la pelos seus serviços sexuais. Ou seja, Taís era motivo de desgraça e pobreza para estes homens, segundo o texto retrata. Aqui talvez seja possível notar que por não ter tanta ênfase em sua vida pessoal (ligação com alguma cidade, se era nobre ou não, se tinha riquezas ou era pobre, etc.) não era um modelo correto de mulher, que deveria ser seguido. Seu comportamento era desviante e pecador. Somente conseguiu atingir o ideal de castidade da alma, o que permitiu que se tornasse uma santa porque ficou presa, fazendo penitência e obteve uma graça vinda diretamente dos céus. Ou seja, Taís viveu enclausurada num mosteiro durante três anos. Somente quando este período chegou ao fim ela pôde voltar à convivência em sociedade, claro, depois de receber o perdão dos padres e dos monges. Aqui nota-se como a religião era um fator de correção e de controle na vida das mulheres. É interessante observar também que é a figura masculina que castiga, educa e também perdoa. São os homens os responsáveis por vigiar e punir. O mesmo é perceptível na vida de Maria Egipcíaca.

Maria Egipcíaca, chamada a Pecadora, passou 47 anos no deserto em austera penitência. Começada por volta do ano do Senhor de 270, no tempo do Imperador Cláudio. Certa vez, um abade chamado Zózimo atravessou o rio Jordão e percorria um grande deserto procurando um santo eremita, quando viu caminhando uma pessoa nua e de corpo enegrecido pelo sol. Era Maria Egipcíaca [...]. Nasci no Egito, irmão, e aos doze anos de idade fui para Alexandria, onde durante dezessete anos entreguei-me publicamente à libertinagem e nunca me recusei a quem quer que fosse [...]. O ancião ajoelhou-se e abençoou a escrava do Senhor. Ela lhe disse: “Peço que no dia da ceia do Senhor você venha para a margem do Jordão e traga o corpo do Senhor. Eu irei encontra-lo ali e receber de sua mão esse corpo sagrado, porque desde o dia em que vim para cá não recebi a comunhão do Senhor” (*Legenda Áurea*, 352-354).

Santa Maria Egipcíaca é representada como a pecadora que, para buscar seu perdão, precisou passar por uma penitência no deserto, ou seja,

reclusa da sociedade, separada da convivência cotidiana. Varazze a descreve como “[...] uma pessoa nua e de corpo enegrecido pelo sol” (*Legenda Áurea*, 352). É possível notar que também não há menção maior de sua vida pessoal, apenas o relato de como ingressou sua vida na prostituição, em algum tempo aos seus doze anos, quando ela mudou-se para Alexandria. Assim como ocorreu com Santa Taís, que precisou da intervenção masculina para alcançar a salvação, Santa M. Egipcíaca é representada de forma semelhante. Alguém que é pecadora, durante certo tempo é excluída socialmente, e somente quando encontra um homem pode alcançar o perdão e a correção moral. Este homem é Zózimo, um abade que encontra M. Egipcíaca no deserto e lhe diz o que fazer. Ou seja, novamente a presença marcante da figura masculina garantindo a salvação e reestabelecendo a mulher ao nível da castidade.

Nem todas as mulheres que aparecem na obra de Jacopo de Varazze, no entanto, são pobres e reclusas socialmente. O exemplo de Santa Juliana é distinto neste sentido. Trata-se de uma Santa que teve relações sexuais e apresenta algumas diferenças relevantes no que diz respeito ao âmbito social. Vamos ver como Jacopo a representa.

Juliana acabara de se casar com Eulógio, prefeito de Nicomédia, quando disse que só teria relações sexuais se ele aceitasse a fé em Cristo [...]. O prefeito: “Minha senhora, não posso fazer isso, porque o imperador mandaria cortar minha cabeça”. Juliana replicou: “Se você teme dessa forma um imperador mortal, como quer que eu não tema um que é imortal? Faça o que quiser, mas assim não me terá”. O prefeito mandou surrá-la duramente com vara e, durante meio dia, pendurá-la pelos cabelos, enquanto derramavam chumbo derretido sobre a cabeça. Com esse tormento não lhe faz mal algum, acorrentou-a e fechou-a numa prisão [...]. Depois que Juliana foi decapitada, ocorreu uma tempestade na qual se afogaram no mar o prefeito e 34 homens que o acompanhavam. Seus corpos, vomitados pelas águas, foram devorados por animais e aves (*Legenda Áurea*, 266-267).

O que nos chama atenção é que, ao contrário das duas meretrizes (Taís e M.Egipcíaca), Juliana acabara de se casar com o prefeito de Nicomédia. Ou seja, trata-se de uma figura notável socialmente, um modelo de esposa ideal. É este tipo de personagem que configura o exemplo perfeito para os objetivos pedagógicos de Jacopo em sua *Legenda Áurea*. Relações sexuais só seriam permitidas caso estivessem ligadas com a religião, destinadas à procriação. É curioso notar que Juliana estabelece

um tipo de ‘contrato sexual matrimonial’, uma espécie de ‘acordo’. Ela só consumaria o seu casamento, ou seja, só teria relações sexuais com seu marido, caso este se convertesse à sua religião, o Cristianismo. Percebemos neste trecho uma mudança que pode ter relação com o status social da mulher representada. Quando Jacopo descreveu as vidas de Taís e M. Egipciaca, elas não apresentavam muito direito à escolha. Era somente a voz masculina que se manifestava por meio de proposições. Já Juliana, apesar de não ter um final muito feliz, pelo menos tinha o direito de levantar a sua voz e se expressar. Assim, apesar da influência da religião na vida sexual das mulheres, o controle e a disciplina dos corpos, que perpassa toda a *Legenda Áurea*, foi a própria Juliana que impôs suas condições ao marido, ela quem apresentou as regras do jogo, de como este deveria proceder caso quisesse consumir o casamento. Devido ao fato do marido possuir um cargo de prestígio social e estar politicamente impedido de fazê-lo, talvez pelo fato da localidade possuir outras crenças religiosas incompatíveis com o Cristianismo, ele recusa, assim, a proposta. No entanto, Juliana manteve-se em sua posição, o que acarretou sua prisão, tortura e decapitação a mando de seu marido. É importante que, apesar das agressões físicas (pendurada pelos cabelos), de ter sido queimada (derramaram chumbo quente na cabeça), ela nada sofreu. Ou seja, um milagre ocorreu, uma manifestação divina poupando-lhe a vida. Como se não bastasse, aqueles homens também foram punidos (algo que nem sempre ocorre), morreram no mar, após uma tempestade, novamente algo vindo diretamente de Deus. Os corpos masculinos ainda foram devorados por animais, não tiveram um sepultamento digno, o que no período era algo terrível.

Por um lado, vemos que Juliana, possivelmente por ser uma nobre, podia conversar com seu marido sobre várias questões, inclusive lhe negando a concretude do matrimônio por meio do ato sexual; por outro, apesar disso, vemos a representação de uma mulher que, mesmo buscando a ‘verdadeira religião’, o seu marido tinha poder sobre ela. Outro fator importante é a forma como Jacopo descreve a morte de Juliana. Ela é tranquila, a tortura não lhe fez mal algum. É possível notar que sua morte serve de exemplo, o entregar-se completamente a Deus. É possível uma comparação aqui com a morte da de Jesus Cristo, que também morreu em favor dos homens. Das três santas que mantiveram relações sexuais, a única que era integrada socialmente era Juliana. Ela utilizou o seu corpo para tentar converter seu marido, sendo que a Santa Taís e M. Egipciaca eram meretrizes e viveram no pecado, sendo, por isso, excluídas da vida em sociedade como forma de penitência. Juliana não vivera excluída, ao contrário, era uma mulher presente socialmente, sendo esposa do prefeito

de Nicomédia. Se Taís e M. Egipcíaca precisaram fazer longa penitência, sofrendo durante certo tempo, a morte de Juliana é rápida. Nos três exemplos, no entanto, podemos inferir que a virgem tem mais valor do que a mulher que havia praticado o ato sexual. Porém, estas existiam, e podiam atingir o nível de santidade, desde que autorizadas por uma voz masculina. Vamos ver agora como eram as vidas das santas virgens, primeiramente com Lúcia:

Lúcia vem de *lux*, 'luz'. A luz é bonita de se ver, porque segundo Ambrósio ela está por natureza destinada a ser graciosa para a visão [...]. Lúcia, virgem de Siracusa, de origem nobre, ouvindo falar por toda Sicília da celebridade de Santa Ágata, foi até o túmulo dela com a mãe, Eutícia [...]. Quando soube que tudo que fora vendido tinha sido dado aos pobres o noivo levou-a a justiça, diante do cônsul Pascásio, acusando-a de ser cristã e de violar as leis imperiais [...]. Quanto à virgem Lúcia, não foi tirada do lugar em que sofrera e só rendeu o espírito depois que alguns sacerdotes lhe deram o Corpo do Senhor. Então todos os presentes disseram amém. Ela foi sepultada naquele mesmo lugar, onde foi construída uma igreja. Seu martírio ocorreu no tempo de Constantino e de Maxêncio, por volta do ano 310 do Senhor (*Legenda Áurea*, 77-80).

Nesta introdução à vida de Santa Lúcia, a atenção nos remete a alguns pontos específicos. Seu nome, por exemplo, já carregava um cunho cristão, como se estivesse predestinada a ser uma santa e a seguir o caminho religioso. A ênfase em seu nome pode também ser vista como uma característica cristã, o caminho da luz, ou, no mínimo, que ela encontraria este caminho ao longo de sua vida. Ambrósio é a autoridade que afirma e descreve a vida de Lúcia, o que confirma a autoridade da *Legenda Áurea* como sendo uma obra verídica e relacionada com a tradição da Igreja, não possui vínculos com os hereges. Outro ponto interessante é a ênfase em sua virgindade, ela era conhecida com 'virgem de Siracusa', referência máxima na época. Ela não era qualquer virgem, mas de um lugar específico, estava vinculada com a nobreza, o que contribuiu para essas denominações. Pouco a pouco, vamos percebendo que as mulheres da nobreza são facilmente vinculadas à castidade mais pura e elevada (da alma e do corpo) enquanto que as de outros segmentos sociais tem mais dificuldades para alcançar este status, precisam passar por algum tipo de prova, prisão ou penitência e receber o perdão masculino.

A importância dada ao corpo é visível. Jacopo descreve Lúcia como tendo um corpo casto e imaculado. Segundo a narrativa, ela não teve desvios morais em sua vida e era temente a Deus. Não há no exemplo desta vida o tipo de comportamento impuro ou desvios relacionados com a luxúria, como os perceptíveis nas santas não-írgens. Lúcia não poderia ser lasciva, pecaminosa. Assim, a narrativa enaltece o exemplo da mulher írgem, vinculada com a nobreza, um modelo a ser seguido dentro do projeto pedagógico apresentado por Jacopo. Lúcia possuía posses e também um noivo, mas ela nega seus bens, doando-os aos pobres. Isto irrita profundamente seu noivo e faz com que Lúcia seja levada à julgamento diante do Cônsul Pascácio. Diferente de Taís, que foi apenas decaptada, Lúcia foi torturada até a morte. Novamente, é possível atingir a salvação tendo o corpo físico torturado, flagelado, castigado pela dor. É preciso uma intervenção masculina. O mesmo acontece com a Santa Ágata e Santa Inês, modelos apresentados para instigar as mulheres e seguirem estes exemplos de santas.

Ágata nome derivado de *ágios* ‘santo’, e de *Theos* ‘Deus’, significando, portanto ‘santa de Deus’ [...] Na cidade de Catânia, Ágata írgem de nobre estirpe e lindíssima de corpo, incessantemente honrava a Deus com toda santidade. Quintiano, cônsul da Sicília, homem ignóbil, voluptuoso, avaro e idólatra, esforçava-se para conquistar a beata Ágata, pois sendo de baixa extração esperava desta forma tornar-se nobre; sendo voluptuoso, saciar-se na sua beleza; sendo avaro, apoderar-se de seus bens; sendo idólatra, agradar aos deuses forçando-a a realizar sacrifícios a eles. Mandou busca-la, e diante de sua inabalável resolução entregou-a a uma meretriz chamada Afrodísia e às suas nove filhas, depravadas como a mãe, a fim de quem em trinta dias a fizessem mudar de decisão [...]. Ágata dizia-lhes: “Minha vontade é mais sólida que pedra, pois está fundamentada em Cristo”...). Após fazer essa prece, ela deu um grande grito e rendeu o espírito por volta do ano do Senhor de 253, sob o império de Daciano (*Legenda Áurea*, 256-260).

A descrição de Ágata é semelhante à de Lúcia, o seu nome leva a conotação religiosa, entregue a Deus. A nobreza mais uma vez é um diferencial, fator comum na vida das santas írgens. Do mesmo modo, a descrição de sua beleza e o corpo que, apesar de toda ostentação da riqueza e da beleza, recusa a luxúria. Elas também negam um marido, pois o único companheiro masculino em suas vidas seria o próprio Jesus Cristo, que

ocuparia o espaço do homem. Nesse momento, enfoca-se a virgindade associada com a devoção religiosa. No entanto, nota-se a sutileza da narrativa de Jacopo no que diz respeito à descrição dos corpos destas santas. Eles precisam ser belos para poder chamar mais atenção. Não é apenas o fato de não haver o contato sexual. Mas sim de uma representação de corpos desejáveis, para que caracterize a renúncia. Assim, a devoção religiosa não elimina ou anula a beleza dos corpos, mas acentua esta característica. Jacopo representa estas mulheres como tendo seus corpos perfeitos e atraentes aos que as contemplam, todavia, são corpos intocáveis, puros, castos. É importante observar também que a cidade destas mulheres é sempre mencionada. Característica comum na vida das santas virgens. Talvez, por isso auxiliar na educação moral das mulheres. Com estes exemplos próximos à sua região, ou seja, localizáveis, reconhecidos geograficamente, o público que receberia a obra poderia compreender de forma mais rápida, possibilitando uma aceitação facilitada destas representações. A última das seis santas que escolhemos é Inês, assim representada por Jacopo:

Inês [Agnes] vem de *agnus* ‘cordeiro’[...] Inês, virgem de elevadíssima prudência, com a idade de treze anos sofreu a morte e ganhou a vida, segundo testemunho de Ambrósio [...]. Um dia ao voltar da escola, encontrou o filho do prefeito, que ficou apaixonado por ela. Ele prometeu pedrarias e riquezas imensas se cassasse com ele. Inês respondeu-lhe “Afastese de mim, lar de pecado, alimento de crime, pasto de morte, pois já estou prometida a outro amado. “E começou a fazer elogio desse amante [...]. Ao ouvir isso o rapaz ficou fora de si, adoeceu de amor, passou a soltar longos suspiros. Seu pai fez a jovem virgem ficar sabendo disso e ao ouvi-la garantir que não podia violar a aliança jurada ao seu primeiro esposo [...]. Alguém lhe assegurou que o esposo de que ela falava era Cristo, então o prefeito quis dissuadi-la, primeiro por doces palavras depois por temor [...]. O suplente, que se chamava Aspásio, mandou jogá-la numa grande fogueira, mas a chama, dividindo-se em duas, queimou o povo que estava em volta, sem atingir Inês. Aspásio mandou então enfiar uma espada na garganta dela. Foi assim que Cristo, seu esposo fulgurante de brancura e de vermelhidão, sangrou-a sua esposa e sua mártir (*Legenda Áurea*, 183-187).

Ela é a única Santa que tem sua idade mencionada, talvez para reforçar que mesmo nova ela já sabia que sua vida se destinava a ser

temente a Deus. Novamente, a referência de Jacopo para autoridade é Ambrósio. Tanto para abordar a vida das virgens, quanto para falar de pureza, sempre este nome é invocado para garantir a veracidade de seus relatos. A castidade também é visada na passagem “sofreu a morte e ganhou a vida”, outra vez usada para dizer que mesmo com o sofrimento nesta vida, pode-se obter uma recompensa celeste, algo que, novamente, é testemunhado por Ambrósio (figura masculina). Inês também pretende se livrar de um casamento e, para isso, ela alega que já estava comprometida com o Senhor. Temos a representação da inocência da juventude, perceptível por causa da menção à idade, mas, por outro lado, a maturidade percebida na devoção à religião. Aqui, a preocupação de Jacopo parece ser educar as jovens moças, apresentando a elas modelos a serem seguidos.

Estes são elementos importantes para propor um comportamento a ser seguido às mulheres daquela sociedade. Um modelo de educação que seria utilizado nos sermões compostos pelos padres da época. Ou seja, a forma como aquelas mulheres deveriam gerenciar seus corpos era sugerida por homens (os padres), a partir de uma obra escrita por um homem (Jacopo), usando como testemunha da verdade também uma figura masculina (Ambrósio). Apesar disso, vimos que estas mulheres tinham voz e que, apesar da tentativa de controle, havia muitos comportamentos desviantes.

Considerações Finais

Nestas representações da vida de santas na Legenda Áurea de Jacopo de Varazze são perceptíveis as intenções de educar as mulheres e incentivá-las a apresentar determinados comportamentos. O papel da mulher era se esforçar ao máximo para integrar-se à Cristandade. Sendo virgem, casada ou viúva, estas mulheres deveriam se oferecer como sacrifício a Deus, até mesmo como exemplos de martírio. Seu corpo deveria não estar limitado aos prazeres da carne, deveriam, mesmo que por meio do sofrimento, atingir à castidade da alma. Santas Inês, Agáta, Lúcia e Juliana conseguiram isso por meio de sofrimento e de tortura, assim como ocorreu também com Jesus. Após a morte dessas mulheres, elas não permaneceram no anonimato, foram transformadas em exemplos, santas que passaram a ser reconhecidas por vários locais, conforme pôde ser percebido na documentação analisada. Mesmo Santa Juliana, que era casada, serviu de modelo aceitável para educar as mulheres por meio de sermões baseados no texto de Jacopo. A Legenda áurea nos diz o que é e o que não é aceitável para a época. Como foi possível observar, então, há um completo paralelo entre educação, santidade e vida sexual. Apesar de haver

necessidade de uma voz masculina que autorize, que controle, que perdoe (é sempre um homem o responsável por vigiar e punir), mesmo no contexto da Legenda Áurea, no qual os comportamentos desviantes são punidos com tortura ou morte, para que sirva de exemplo, percebe-se que o mundo das práticas e das representações nem sempre são equivalentes. Mesmo perseguidas, vemos mulheres ativas sexualmente, que se dão aos prazeres da carne, que tem voz, enfrentam diversas situações apresentadas, mesmo que o final lhes seja trágico. Por isso, é preciso esforçar-se para elaborar exemplos e modelos a serem seguidos, tarefa que Jacopo cumpre com maestria. No entanto, não podemos nos contentar mais com a imagem da freira virgem e em silêncio a qual estamos acostumados, pois ela não encontra ressonância na documentação, nem francesa, nem inglesa, e nem mesmo na italiana, como acabamos de ver. Assim, é preciso investigar melhor a vida destas mulheres para que possamos compreender o contexto político, religioso e social deste período que chamamos de Idade Média.

Referências

CONRAD-O'BRIAIN, Helen. Were Women Able to Read and Write in the Middle Ages? In: HARRIS, Stephen J.; GRIGSBY, Bryon L. (Eds.). **Misconceptions About the Middle Ages**. New York/London: Routledge, 2008, p. 236-239.

DENDLE, Peter. The Age of Faith” Everyone in the Middle Ages Believed in God. In: HARRIS, Stephen J.; GRIGSBY, Bryon L. (Eds.). **Misconceptions About the Middle Ages**. New York/London: Routledge, 2008, p. 49-53.

DUBY, Georges. A Mulher sob Custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Dir.). **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Edições Afrontamento, 1991, v. 2, pp. 98-139.

MILLER-DOCRARY, Mary. The Myth of The Virgin Nun. In: HARRIS, Stephen J.; GRIGSBY, Bryon L. (Eds.). **Misconceptions About the Middle Ages**. New York/London: Routledge, 2008, p. 60-62.

PERNOUD, Régine. **Idade Média: o que não nos ensinaram**. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

SANTOS, Dulce OLiveira A. Caminhos e atalhos da historiografia sobre as mulheres medievais. **História Revista** (UFG), Goiânia, v. 2, n.2, p. 69-78, 1996.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n. 2, p. 5-22, jul/dez., 1990.

VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea**: vida de santos. São Palo: Companhia das Letras, 2003.

*Received on September 1, 2012.
Accepted on November 30, 2012.*